

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: Diritos Indígenas

Data: 22 de Outubro de 1982

Pg.: DINR 0035

### O bom senso de um general

RUY NUNES

90

Não existe tempo privilegiado para as loucuras do homem. No século XVI Erasmo escreveu a sua brilhante sátira O Elogio da Loucura, em que desanca as sandices dos seus contemporâneos, como zeloso jardineiro que deseja expungir seu horto de ervas daninhas. Hoje, qualquer emulo de Erasmo poderia debuxar outro afresco espantoso e formidando das tolices humanas, uma vez que neste fim do século XX parecem ter confluído todas as correntes claras e superficiais, escuras e subterráneas, das inépcias perpetradas pelos homens da era atômica e espacial. A coisa já chegou a tal ponto que, muitas vezes, quem diz uma verdade comezinha, quem pronuncia uma frase correta e significativa de acordo com a reta razão, ou parece transmitir uma revelação luminosa que é ouvida reverentemente ou, devido à manifestação de bom senso e de inteligência, passa a ser considerado como pessoa estranha e marginal, por destoar do pensamento comum enegrecido e torturado pela insensatez ordinária.

Observem-se, por exemplo, os casos de pronunciamentos sobre realidades existenciais e valores como a verdade, a justiça e o amor.

Quem diz acreditar na existência de juízos verdadeiros e de buscar a verdade com toda a alma pode dar a impressão de parecer estranho e avariado aos olhos da turba vociferante que acha todos os juízos plausíveis e todas as opiniões admissíveis, como se, com efeito, não houvesse verdade nem falsidade, acerto nem erro, como se o homem houvesse abdicado da razão e se convertido em mera caixa registradora de impressões e pensamentos.

Há pessoas, por outro lado, que se enervam à só menção da justiça, como se o termo se tivesse tornado repulsivo e agourento devido às tantas citações e imprecisões de reformistas sociais sobre possuírem muitas dessas pessoas a consciência encaroçada, crestada e indiferente à sorte dos pobres e dos desvalidos espezinhados por criminosos de vários natipes. Para essas pessoas, reivindicar a justiça nas relações sociais equivale a passar alguém a si próprio atestado de subversão contra os poderes constituídos e contra as fortunas amealhadas na base do dolo, da corrupção e da violência. Infelizmente, existem também outras que apregoam a justiça como quem se vale de uma isca atraente para disfarçar as suas intenções malévolas, a sua inveja dos homens trabalhadores e profissionalmente realizados, como se estes fossem os responsáveis pelos descabros do mundo. Se alguém, então, prega com serenidade sobre a justiça dos atos humanos, e diz o devido, doa a quem doer, assume a figura de um intruso detestável nesse concerto de vozes dissonantes e insanas.

Da mesma óptica depravada padece a realidade maravilhosa do amor, um dos valores fundamentais da vida e cuja natureza todas as definições mal conseguem descrever. O amor é como se fosse uma energia sutil e poderosa que se aposa das almas e transforma as pessoas em seres incandescentes. É magia, é entusiasmo, é bondade, é dedicação, é encanto mútuo, é espírito de renúncia e sacrifício. No entanto, essa realidade portentosa, que muitas pessoas nunca lograram experimentar na vida, é abastardada e diminuída por uns, que a reduzem insanamente só ao prazer sexual, ao gozo epidérmico, e é renegada ou desprezada por outros, que a tomam por pleguice e fraqueza. Nunca se viu, de fato, um dom-juan que soubesse amar de verdade, e muitos homens são levados ao crime, ao

isolamento, ao ódio renitente por falta de afeto, de ternura, de amor.

Ao falar aos estagiários da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra — Adesg — em Goiânia, conforme o noticiário de O Estado de S. Paulo (26/09/82, pág. 28), o general-de-exército, Leônidas Pires Gonçalves, chefe da Secretaria de Economia e Finanças do Ministério do Exército, que tratou do tema "A Amazônia e o Exército Brasileiro", disse uma dessas verdades comezinhas que muitos tetnam em não enxergar. Com efeito, o general pôs o ovo em pé, como Colombo, diante de seus ouvintes e de toda a nação brasileira, ao declarar que as tribos indígenas não podem ser convertidas em presépios para serem contemplados com devoção científica pelos antropólogos, já que os índios não são peças de adorno mas seres humanos a serem assistidos e integrados na comunidade nacional. Ora, essa é a voz do bom senso, do espírito objetivo, da solidariedade humana e do patriotismo lúcido.

É totalmente vã e improficua a atitude de quem quer que seja de colocar o índio brasileiro numa redoma como avis rara, à guisa de espécime em desaparecimento que se deve conservar e embalsamar como os animais de um zoológico. Depois que uma tribo entra em contato com os brancos e se beneficia com os seus instrumentos e técnicas, é inútil pretender mantê-la em conserva, quando os seus próprios membros já provaram dos frutos da civilização, já se modificaram e puseram o pé no terreno da História.

Imagina-se decerto o gáudio dos antropólogos em poderem dispor numa reserva fechada de centenas de "primitivos" confinados à força, e que se podem inspecionar e analisar a qualquer momento em repentinas visitas e em jubilosas espiadas à pré-história. Só que isso já é sonho, devaneto e despropósito como só o espírito acadêmico sabe acalentar. Pode-se defender a preservação do índio e da sua cultura tribal, a conservação e o cultivo das suas tradições, mas não se pode pretender que permaneça intocável pela atmosfera da civilização. Desde o instante em que o índio conhece o facho, a carabina, e se afeiçoa pelo contato e pela aculturação inicial aos instrumentos e às técnicas do branco civilizado, é inútil pretender que se conserve doravante imune ao contágio da civilização contemporânea.

Mediante o auxílio e a compreensão das autoridades públicas, por meio da assistência dada por missionários, antropólogos ou agentes de serviço social, o índio deve ser lentamente beneficiado pelas vantagens materiais e intelectuais da pátria brasileira, de tal modo que se possa integrar pacífica e serenamente nas comunidades desenvolvidas do País, embora deva e possa continuar a guardar e a cultivar as suas tradições ancestrais, tal como as famílias de imigrantes as conservam por algumas gerações em suas pátrias de adoção. Não se deve esquecer que, em muitas de nossas cidades, os descendentes dos indígenas dos séculos anteriores estão a perambular e a trabalhar como bons brasileiros.

Os índios devem contar com a assistência esclarecida de funcionários oficiais aptos e de boa vontade, e com o serviço público de escolas, hospitais e outras instituições fundamentais de nossas comunidades urbanas. É preciso, e já é tempo de se estenderem ao homem do campo, e por extensão aos índios, os benefícios da cultura e as benesses dos serviços públicos, de tal modo que camponeses, sertanejos e índios se integrem na grande pátria brasileira, gozando das regalias dos cidadãos mais felizardos dos grandes centros urbanos.